

“Empresa de PE precisa dar salto de competitividade”

David Kupfer

Um dos mais renomados especialistas no setor industrial, David Kupfer, coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade da UFRJ, veio ao Recife à convite da Empresas & Empresários para avaliar o novo arranjo dos segmentos produtivos da economia pernambucana proposto pela E&E, dando sua contribuição nesta fase da pesquisa. Kupfer conversou com Cláudia Santos e Rafael Dantas sobre os horizontes da indústria no Brasil e no Estado. A tendência das empresas no século 21, segundo ele, é trabalhar dentro de um esquema de integração internacional, na qual várias etapas da produção serão feitas no exterior e no Brasil. Ressalta que para participar dessas redes produtivas deve-se inovar, mas reconhece que o empresário brasileiro é “refratário a gastar com inovação.”

JC – Alguns empresários e economistas afirmam que o Brasil passa por um processo de desindustrialização. O senhor concorda?

DAVID KUPFER – O conceito de desindustrialização sugere uma transformação negativa, na qual a indústria perde capacidade de gerar renda e emprego, e proporcionalmente vai desaparecendo. Não temos neste momento uma desindustrialização, mas poderemos enfrentá-la num horizonte de tempo não muito longo. O que está acontecendo no País é uma mudança estrutural. A indústria está do mesmo tamanho, mas está ficando diferente do que era. Estamos partindo de uma estrutura industrial muito diversificada e está se tornando numa indústria mais especializada, com uma maior participação dos setores ligados à produção de transformação e menor dos setores mais tradicionais, como a têxtil e de calçados, que de fato vem recuando na matriz produtiva.

JC – Quais indústrias no Brasil estariam com os seus dias contados?

KUPFER – O que está com os dias contados no Brasil é uma visão de indústria completa, do ponto de vista da autossuficiência. Acredito que continuará a existir uma indústria têxtil no Brasil, ela não irá acabar, mas essa indústria completa, que não importa nada do exterior, não vai existir mais. Vamos ter uma indústria que vai importar pesadamente, como deve exportar também. É um sistema mais integrado internacionalmente. A indústria brasileira vai passar por uma transformação de natureza e não tem como escapar disso. A competitividade brasileira não é muito alta e não vem crescendo, pelo contrário. E a competição internacional é cada vez mais acirrada, com mais países produtivos. A tendência é que passemos cada vez mais para um esquema de integração produtiva internacional. Não é uma transformação negativa, mas exige que a indústria se diferencie. Caminhamos para uma indústria com um grau de integração produtiva mais alta, que tem etapas feitas no exterior e processadas no Brasil, ou vice-versa. Algo que seja

mais próximo do que os asiáticos fazem. Esse parece ser o modelo industrial do século 21. Temos que aprender a participar dessas redes empresariais de produção.

JC – Como tem sido a reação do empresário brasileiro frente a esse novo modelo?

KUPFER – O empresário brasileiro não aceita isso. Ainda quer ser exportador. Ainda olha para o mercado internacional como uma demanda e não percebe que para vender para

esse mercado, ele precisa produzir parcialmente. Existe uma questão de comportamento empresarial estratégico a ser resolvida. A maior parte das empresas brasileiras nos segmentos mais tradicionais não entende que uma nova estratégia é necessária. Se a indústria brasileira navegar bem, irá tirar muito proveito desse novo momento, senão ela vai encolher gradativamente.

JC – O que o senhor entende por navegar bem? É o desenvolvimento de um processo de inovação, aliado a essa nova mentalidade empresarial?

KUPFER – Para entrar bem nesses processos de integração produtiva é necessário ter o controle do produto. Tudo o que diz respeito à inteligência, seja em visual do produto, seja em características que ele tenha, ou ainda na logística da rede. Assim se comanda a divisão do trabalho. Não adianta produzir barato, é preciso controlar os intangíveis daquele sistema de produção. Meramente ter alta produtividade ou produzir em custos muito baixos não garante o funcionamento. É preciso ter essa capacidade de inovar, de ter algo diferente, seja no processo, seja no produto, na organização de produção, na logística, para que você possa partir para esse sistema de produção fragmentado, controlando a cadeia e conseguindo retirar uma parcela relevante no lucro.

JC – Como o poder público pode contribuir para que as empresas possam se inserir de maneira competitiva nesse cenário de produção sistêmica e global?

KUPFER – Um fator de competitividade importante nesse sistema é constituir ativos no lugar de destino dos produtos. É preciso construir uma capacidade de servir o mercado lá no país que você quer vender e ter uma estrutura de comercialização, uma estrutura de armazenagem, que pode ser da empresa ou pode ser compartilhado, ou pode ser o resultado de uma política pública de promoção da exportação, com a criação de centros de distribuição logística brasileiros no exterior. Esse é o caminho para que a política pública possa apoiar esse movimento.

JC – Nesse sistema de produção internacional há espaço para empresas regionais?

KUPFER – Com estratégia empresarial e com boas políticas dando suporte a isso é possível, inclusive, que as empresas de porte regionais se arrisquem em produzir dessa forma aqui na América Latina, por exemplo. A indústria brasileira tem uma vantagem muito grande em relação aos países vizinhos. Ao contrário do Brasil, todos eles passaram por um processo de desindustrialização. São possibilidades de novos desenhos, novas configurações produtivas que vão extravasar as fronteiras nacionais e vão desenvolver arranjos produtivos que sejam internacionais.

JC – Qual o impacto da China na baixa competitividade da indústria brasileira e como sobreviver a essa situação?

KUPFER – O que pode ser uma saída é dar um conteúdo local aos produtos. Produzir mercadorias que não sejam características da forma que a China faz: de produção padronizada e em larga escala. Mas, a China está também se movendo em direção a produtos mais sofisticados. Então a competição com eles tende a piorar. Temos uma competitividade sistêmica decrescente no Brasil, por causa de uma taxa de câmbio muito valorizada, os custos de energia que são altos e continuam crescendo, além de um diferencial negativo em infraestrutura e nos transportes. Temos um monte de problemas

que exigiriam um comportamento mais proativo do empresário, com uma capacidade de resposta mais intensa em inovação, para anular a perda de competitividade que vem desse momento econômico que o Brasil vive. Mas não dá para ficar muitos anos mais nessa situação. Talvez tenhamos uma janela de dez anos, para viver com uma taxa de câmbio tão valorizada. Esse modelo de estabilização macroeconômica já persiste há 15 anos, há um entrave macroeconômico

o muito grande, que foi minorado temporariamente com uma mudança no patamar do mercado interno (com a ascensão da classe C). Mas o problema é que não podemos esperar outra mudança nesse patamar nos próximos anos.

JC – Em relação à inovação, os empresários questionam o poder público, cobrando políticas de inovação, reclamando da falta de financiamentos. O caminho da iniciativa privada é este de cobrar do poder público ou é necessário outro posicionamento?

KUPFER – Sou muito crítico em relação à postura empresarial no que diz respeito à inovação no País. A importância da inovação é uma tecla martelada pela academia há 25 anos e o governo brasileiro vem criando diversos instrumentos de incentivo à inovação, que podem não ser os melhores, mas existem e estão disponíveis. Acho que o empresário brasileiro é muito refratário a gastar de verdade em inovação. Compreende-se que tem uma dimensão comportamental importante que precisa ser repensada pelo empresariado. Querer que o empresário se preocupe no longo prazo enquanto tem problemas de sobrevivência no dia a dia também não dá. Mas já estamos há um tempo numa economia estável, numa boa situação, e tampouco os investimentos em inovação apareceram.

JC – Em relação a Pernambuco, como você analisa o processo de reindustrialização que estamos vivendo?

KUPFER – A onda em que o Brasil está surfando está passando por Pernambuco. É uma onda de grandes projetos, vinculados aos setores do primário agrícola ou ao primário mineral e a sua transformação. E em função a um conjunto de pré-requisitos – em muito devido à viabilização do Porto de Suape com um polo industrial de fato – Pernambuco está tendo a chance de surfar nessa onda de expansão da produção do Brasil. Agora, são setores muito capazes de serem os disparadores do processo de desenvolvimento, pois pedem muito investimento para serem construídos e depois que estão em funcionamento demandam recursos completamente diferentes que demandaram na fase de investimento. Basicamente a fase de investimento é muito relacionada à atividade da construção civil, gerando muitos empregos. E depois de pronto vão demandar muito menos emprego. Essa onda de agora tem que ser aproveitada como um impulso dinâmico para as atividades industriais e de serviços que existem e que podem ser potencializadas na região. Isso significa que outras atividades que não estão sendo alvo de investimentos precisam se modernizar. Precisam dar um salto em direção a um quadro de maior competitividade para disputar o mercado local, regional, nacional e até de exportação.

JC – Que setores têm oportunidades mais claras diante desse novo cenário econômico local?

KUPFER – A indústria tradicional de bens de consumo e determinadas indústrias que estão associadas a essa onda de investimentos. Acoplada à petroquímica, por exemplo, pode vir uma indústria de artefatos plásticos. Na siderurgia, associada a ela pode vir um conjunto de atividades de transformação de metal. É necessária uma visão complexa do processo de desenvolvimento industrial para que essa onda de investimentos, depois do seu amadurecimento, deixe um resultado mais positivo em matéria de desenvolvimento econômico e social.

David Kupfer é professor do **Instituto de Economia da UFRJ** e coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade (GIC-IE/UFRJ; endereço eletrônico: gic@ie.ufrj.br). Esta entrevista foi publicada no **Jornal do Comércio** no dia 21 de julho de 2011.